

# Coro Gulbenkian

Peter Dijkstra

Johannes Brahms

*Um Requiem Alemão*



**29 out 24**

**29 out 24** TERÇA 20:00

GRANDE AUDITÓRIO

## **Coro Gulbenkian**

**Peter Dijkstra** Maestro

**Ilse Eerens** Soprano

**André Baleiro** Barítono

**Joana David** Piano

**Nuno Margarido Lopes** Piano

**Inês Tavares Lopes** Maestra do Coro Gulbenkian

## **Johannes Brahms**

*Um Requiem Alemão, op. 45*

1. *Felizes os que sofrem*
2. *Todo o ser mortal é como erva*
3. *Senhor, ensina-me a compreender*
4. *Como são amáveis as tuas moradas*
5. *Agora estais tristes*
6. *Aqui não temos uma cidade permanente*
7. *Felizes os mortos*

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 70 min.

CONCERTO SEM INTERVALO

# Johannes Brahms

(Hamburgo, 1833 – Viena, 1897)

## *Um Requiem Alemão*, op. 45

—

COMPOSIÇÃO 1865-1868

ESTREIA Leipzig, 18 de fevereiro de 1869

DURAÇÃO c. 70 min.

A missa de defuntos, habitualmente conhecida por *Requiem*, existe no rito católico romano desde o século II, em texto, e desde o século X com música, com a intenção de orar pelos mortos, pedindo para as suas almas o descanso eterno – *Requiem aeternam dona eis, Domine*.

Como outros modelos litúrgicos que mereceram a atenção dos compositores, expandiu-se, embora mantendo sempre o essencial da sua estrutura. No final do século XVII, com nomes ligados à ópera a introduzirem o seu cunho pessoal e os modelos operáticos, misturaram-se géneros, a orquestra passou a ser presença assídua, bem como os solos vocais.

No século seguinte, o *Requiem* de Mozart é a grande referência. No século XIX, com Berlioz e Verdi, são ultrapassadas as fronteiras litúrgicas, utilizadas grandes massas sonoras e o texto original reorganizado. Com nomes como Bruckner, ou Schumann, o *Requiem* é já concebido para a sala de concerto, aproximando-se mais da oratória do que da missa.

Nos anos 60, Johannes Brahms vai um pouco mais além e apresenta uma obra assumidamente não litúrgica, embora com texto das escrituras, mas em vernáculo e compilado pelo próprio compositor a partir da bíblia luterana. Embora os motivos para escrever um *Requiem* se prendam geralmente com a morte

de uma figura importante, para a sociedade ou de uma forma mais pessoal, para quem o escreve, no caso de Brahms não há uma dedicatória na obra. No entanto, as mortes do seu grande amigo e mentor Robert Schumann em 1856 e da sua mãe em 1865, terão sido, se não um motivo, pelo menos um estímulo para a concretização de uma ideia que já germinava.

A religiosidade da obra é motivo de discussão desde a sua estreia. Embora recorrendo a textos das sagradas escrituras, Brahms afirmou-a não religiosa, e teria preferido aliás chamar-lhe *Requiem Humano*, em vez de *Um Requiem Alemão*. A receção por parte da crítica e do público refletiria esta dualidade na conceção – a maioria das cidades de fé protestante acolheria positivamente a obra; as católicas (como Viena) estranhariam os aspetos textual e emocional.

Em abril de 1865, Brahms escrevia uma carta a Clara Schumann onde parecia ter bem definida a estrutura da composição e os textos escolhidos. Começou a escrever a música em fevereiro do ano seguinte e no final de 1866 teria já concluído, deixando apenas pequenas revisões para as quais pediu opinião a Clara e também a Joseph Joachim, grande violinista e amigo. Em dezembro de 1867 estreava em Viena os três primeiros andamentos num concerto dedicado à memória de Schubert e via consolidado o seu papel na vida musical da cidade, assim como uma eclosão da disputa entre os apoiantes da sua música e os de Wagner. Eduard Hanslick, acérrimo defensor, diria que o *Requiem Alemão* era “um dos mais maduros frutos a brotar do estilo mais tardio de Beethoven no âmbito da música sacra”.

Em Bremen, no norte da Alemanha protestante, onde Brahms era já bastante respeitado, a estreia de seis andamentos (dos sete finais) dirigidos pelo próprio na catedral, na Sexta-feira Santa de 1868, foi um estrondoso acontecimento. O quinto andamento foi posteriormente introduzido e a obra completa, na versão que hoje conhecemos, foi apresentada em Leipzig a 18 de fevereiro de 1869 com Carl Reinecke a dirigir.

Brahms não era praticante, mas tendo sido criado na fé protestante e formado na tradição da música sacra luterana, estava familiarizado com a bíblia e com os seus hinos e corais. O seu *Requiem*, em contraste com a missa de defuntos católica, não professa uma doutrina e evita ou omite menções a Cristo e à Sua morte para expiação dos pecados dos homens. Os excertos das escrituras não sugerem nem julgamento nem o terror do juízo final, sequer a salvação, mas oferecem esperança e consolação aos vivos. Esta abordagem, além de muito pessoal, provém da tradição luterana do norte da Alemanha, onde os ritos fúnebres eram baseados em versos em vernáculo selecionados pelo pastor (ou compositor), destinados aos mortos e não às suas almas, proclamando a esperança na ressurreição, estando presente nas obras de Schütz ou Bach. *Um Requiem Alemão*, para dois solistas, coro e orquestra, emerge musicalmente da tradição de música sinfônica germânica. As harmonias são densas e as melodias, embora por vezes obscurecidas pela textura, despontam para apresentar a ideia seguinte. Uma versão para piano a quatro mãos foi escrita pelo próprio compositor, a pedido do editor Rieter-Beidermann, prática comum na época para facilitar *performances* privadas ou em salas mais

pequenas, e apresentada em Londres em 1871. Este e outros arranjos justificavam-se numa sociedade onde o papel do músico amador era particularmente importante e onde a música permanecia ainda muito presente na esfera privada, constituindo o meio principal através do qual o público tomava conhecimento de obras de larga escala. Conhecida como *Londoner Fassung* (versão londrina), é preferencialmente feita em dois pianos, o que resulta numa sonoridade mais ampla.

O primeiro andamento começa calmo e sereno, com cores mais escuras. As três primeiras notas dos sopranos são a célula base da obra e o coral do início reaparece em modo menor no andamento seguinte. As primeiras palavras, pronunciadas pelo coro, são as Bem-aventuranças do Sermão da Montanha. Uma marcha fúnebre em três tempos, marcada por um *ostinato* (timbales na versão orquestral), lembra que “toda a carne é como a erva, e a glória do Homem é como a flor da erva; a erva seca e a flor murcha”. Recorrendo ao tema idealizado por Brahms para o esboço inacabado de uma primeira sinfonia, este poderoso andamento, de caráter sério e trágico, construído numa austera e sombria homofonia, por vezes em uníssono, o que lhe confere uma força particular, tem uma secção central lírica e doce sobre o texto “sede pacientes”, continua com um *fugato* afirmativo e exuberante sobre “os resgatados do Senhor voltarão”, e termina de forma tranquila e contemplativa. Segue-se a interrogação existencial do barítono solista em diálogo com o coro: “Senhor, ensina-me a compreender que irei ter um fim” e uma reflexão sobre a insignificância e finitude do homem.

A inspirada frase musical ascendente em tercinas, “*Ich hoffe auf dich*” (“Eu espero em Ti”) é uma afirmação de fé, consolidada por uma fuga ao estilo de Händel.

O número seguinte, coração da obra, é outro salmo que oferece, sob a forma de serena pastoral (ou valsa vienense), uma meditação sobre o idílio de habitar na casa do Senhor. É a transição da dor dos três primeiros andamentos para a certeza da consolação. No quinto andamento, reaparece o tema do primeiro, e o texto, embora proveniente do Evangelho segundo São João, é retirado do seu contexto cristão e transformado nas palavras de uma mãe que embala o seu filho, cantadas docemente pelo soprano solista e às quais o coro responde de forma suave e homofônica.

O barítono, assumindo a voz de profeta, conduz ao “levantar dos mortos incorruptíveis” através de uma grande intensidade emocional correspondida por uma explosão musical quando é antecipado o som das trombetas do Apocalipse. O coro, dramaticamente repete, “Morte, onde está o teu aguilhão? Inferno, onde está a tua vitória?”, e segue-se uma grande fuga que proclama a glória e o poder de Deus. Embora nos recorde a dor e o sofrimento humanos, o último andamento é apaziguador como o primeiro. Católicos, protestantes, ateus, consolemo-nos: aqueles que partiram descansam num lugar pacífico.

SUSANA DUARTE

## Peter Dijkstra

O maestro neerlandês Peter Dijkstra nasceu em 1978 e estudou nos Conservatórios de Haia, Colónia e Estocolmo. Em 2003 venceu o Concurso Eric Ericson, o que impulsionou a sua carreira internacional. Desde 2022, é Diretor Artístico do Coro da Rádio da Baviera, em Munique, lugar que já ocupou entre 2005 e 2016. De 2007 a 2018, foi Diretor Musical do Coro da Rádio Sueca, sendo Maestro Laureado desde 2019. Em 2015 assumiu as funções de Maestro Principal do Nederlands Kammerkoor. É um convidado regular de outros importantes coros europeus, como o RIAS Kammerchor, o WDR Rundfunkchor, o Coro da Rádio Nacional Dinamarquesa, o SWR Vokalensemble, o Coro de Câmara Filarmónico da Estónia ou os BBC Singers. Nos domínios sinfónico e coral-sinfónico, Peter Dijkstra dirigiu, entre outras orquestras, a Sinfónica da Rádio da Baviera, a Sinfónica de Berlim, a Filarmónica de Roterdão, a Kammerphilharmonie Bremen, a Sinfónica Metropolitana de Tóquio, a Sinfónica de Stavanger, a Sinfónica da Rádio Sueca e a Orquestra de Câmara de Munique, bem como agrupamentos de música antiga. Estreou obras de Esa-Pekka Salonen, Lera Auerbach, Ēriks Ešenvalds, Jakob Mührlad, Einojuhani Rautavaara, Caroline Shaw, Martin Smolka e Joost Kleppe. As suas gravações receberam vários prémios discográficos e foram nomeadas para dois *Grammy*. Peter Dijkstra é regularmente convidado a orientar *masterclasses* e projetos de promoção do canto e da direção coral ao mais alto nível. De 2016 a 2020, foi professor de direção coral na Musikhochschule de Colónia e, desde 2023, ensina na Hochschule für Musik, em Nuremberga. É membro honorário da Academia Real Sueca de Música. Recebeu o Violino de Ouro 2013, um prémio para músicos holandeses de sucesso internacional, e o Prémio Eugen Jochum em 2014.

## Ilse Eerens

Voz luminosa, sensibilidade e versatilidade, são algumas das reconhecidas qualidades de Ilse Eerens. A soprano belga interpreta um vasto repertório, do Barroco até à contemporaneidade. Em 2024/25, estreia-se no Novo Teatro Nacional de Tóquio, no papel principal de *Natasha*, a nova ópera de Toshio Hosokawa. Em concerto, canta *Jeanne d'Arc au bûcher* de Honegger, com a hr-Sinfonieorchester e Alain Altinoglu, na Alte Oper Frankfurt, na Philharmonie de Paris, no Musikverein de Viena e na Elbphilharmonie de Hamburgo, a Sinfonia n.º 8 de Mahler, no La Monnaie, o *Stabat Mater* de Pergolesi, com a Orquestra Nacional do Capitólio de Toulouse, e *Fatimah/Jubilation of Flowers* de Liza Lim, com a Sinfonietta de Basileia.

As temporadas mais recentes incluíram atuações na Royal Opera House, no Festival de Salzburgo, no Theater an der Wien, na Ópera de Lyon, na Ópera de Lille, no Concertgebouw de Amesterdão, no Teatro Colón de Buenos Aires, no Teatro dell'Opera di Roma, no Festival de Adelaide (Austrália) e no Festival de Bregenz. Entre outros papéis, interpretou Pamina (*A flauta mágica*), Mélisande (*Pelléas et Mélisande*), papéis principais em *A raposinha matreira* de Janáček, *Matsukaze* de Hosokawa e *Der Kreidekreis* de Zemlinsky, bem como *As bodas de Figaro*, *Così fan tutte* e *Lucio Silla* de Mozart, *Béatrice et Benedict* de Berlioz, *Der Rosenkavalier* de R. Strauss, *Um baile de máscaras* de Verdi, *Guilherme Tell* de Rossini, *Cinderela* de Massenet e *Le Grand Macabre* de Ligeti.

Ilse Eerens estudou no Instituto Lemmens, em Lovaina, e na Academia da Ópera Nacional dos Países Baixos. Recebeu o Prémio Arleen Auger no Concurso Internacional de Canto de 's-Hertogenbosch (Países Baixos) e foi 3.<sup>a</sup> classificada no Concurso Internacional da ARD (2006).

## André Baleiro

André Baleiro iniciou a sua formação musical e vocal aos dez anos de idade no Instituto Gregoriano de Lisboa. Após frequentar a Escola Superior de Música de Lisboa, deslocou-se para Berlim para estudar canto na Universidade das Artes, com Siegfried Lorenz, Axel Bauni e Eric Schneider. Em 2016 ganhou o Concurso Internacional Robert Schumann, em Zwickau, na Alemanha, bem como o Concurso de Canto Lírico da Fundação Rotária Portuguesa, em Lisboa.

Colabora regularmente com a Ópera de Câmara de Munique, onde se estreou em 2016 no papel de Figaro (*O barbeiro de Sevilha*). Outros papéis de destaque incluem: Don Parmenione (*L'occasione fa il ladro* de Rossini) no Teatro Pérez Galdós, em Las Palmas; Conte Belfiore (*Fra due litigante* de G. Sarti) e Capitaine (*Les trois Souhais* de B. Martinů) no UNI.T (Berlim); o papel principal em *Ainda não vi-te as mãos* (2011) de Ayres d'Abreu, no Teatro Municipal de Santarém; Caporale (*Il cappello di paglia di Firenze* de Nino Rota) e Pantalone (*Turandot* de Busoni) no Teatro Nacional de São Carlos. Da sua atividade de concerto destacam-se as *Paixões* de J. S. Bach, na Fundação Gulbenkian, a cantata *Dona nobis pacem*, de V. Williams, no Teatro Nacional de São Carlos, *Um Requiem Alemão*, de Brahms, na Salle Métropole de Lausanne, e o *Requiem* de Fauré, no festival *La Folle Journée*, em Nantes e em Tóquio.

Apresenta-se regularmente em recital com diversos pianistas, de entre os quais se destacam João Paulo Santos e David Santos pela longa colaboração. Em 2015, no Piano Salon Christophori, em Berlim, interpretou o *Italianisches Liederbuch* de Hugo Wolf, acompanhado por Eric Schneider. Foi bolseiro da Fundação Walter & Charlotte Hamel em Hanôver e da Fundação Gulbenkian.

## Joana David

Joana David licenciou-se em piano em 2004, com elevada classificação, na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Porto, com Luís Filipe Sá e Jaime Mota. Participou em cursos de piano e de música de câmara e nos estágios da Orquestra Nacional das Escolas de Música e completou o curso complementar de canto. Prosseguiu os seus estudos em Londres, onde concluiu, em 2007, com distinção, o curso de pós-graduação em piano de acompanhamento na Royal Academy of Music, com Colin Stone e Michael Dussek. Integrou o estágio do estúdio de ópera Plácido Domingo do Palácio da Artes Rainha Sofia, em Valência. Foi laureada pelo concurso de canto lírico Rotários 2009 (prémio para melhor pianista acompanhador) e pela Royal Academy of Music, com o prémio “Scott Huxley”. Joana David tem colaborado regularmente com a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e a Orquestra Sinfónica Portuguesa. Trabalhou como pianista acompanhadora na Escola Superior de Música do Porto, na Escola das Artes da Universidade Católica do Porto e na Universidade de Évora. É pianista correpetidora de ópera há mais de 20 anos, tendo trabalhado em inúmeras produções. Juntamente com a soprano Marina Pacheco, realizou a primeira gravação integral das canções de João Arroyo. É frequentemente convidada para acompanhar *masterclasses*, concursos e audições de orquestra e coro. Em 2014 obteve o Estatuto de Especialista em Música pelo Instituto Politécnico do Porto. É pianista correpetidora no Teatro Nacional de São Carlos e Professora de Práticas de Ensaio / Piano Colaborativo na Escola Superior de Música de Lisboa. Atualmente, estuda direção de orquestra na Scuola di Alto Perfezionamento Musicale, em Itália, com o maestro Donato Renzetti.

## Nuno Margarido Lopes

Nuno Margarido Lopes nasceu em Vila Franca de Xira, em 1975. Estudou no Instituto Gregoriano de Lisboa e na Escola Russa de Arcos do Estoril – piano com Alexei Eremine e composição com Evgueni Zoudilkin. Como ator, fez parte da companhia teatral Inestética e participou também em várias peças no Teatro da Cornucópia, com encenação de Luís Miguel Cintra, e no Teatro Aberto, com encenação de João Lourenço. Participou também no Festival Internacional de Teatro Fabuleus, em Leuven, na Bélgica. Como pianista acompanhador, tem colaborado com várias instituições, tais como, a Juventude Musical Portuguesa, a Fundação Musical dos Amigos das Crianças e a Academia de Amadores de Música. De 1998 a 2001, trabalhou na Escola de Dança do Conservatório Nacional. Em recital, acompanhou as solistas Ana Paula Russo, Helena Vieira, Mariana Castello-Branco, Ana Cosme, Elisabete Matos, Dimitra Theodossiou e Daniel Hope. Colabora frequentemente com diversas orquestras, incluindo a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a Orquestra Metropolitana de Lisboa, o Sintra Estúdio de Ópera, a Camerata Vianna da Mota e a Camerata Atlântica. Colaborou também com o Coro Lisboa Cantat, o Coro da Universidade Nova de Lisboa, o Coro Capela Nova, o Coro D. Luiz e o Coral de São José. Em 1997 iniciou a sua colaboração com o Teatro Nacional de São Carlos, onde se fixou e é atualmente pianista na Orquestra Sinfónica Portuguesa e maestro correpetidor e assistente do maestro João Paulo Santos. De 2011 a 2020, dirigiu e coordenou o projeto Coro Juvenil de Lisboa. É também maestro e diretor artístico do Ensemble São Bernardo.

## Coro Gulbenkian

Fundado em 1964, o Coro Gulbenkian conta presentemente com uma formação sinfónica de cerca de cem cantores. Pode atuar em grupos vocais mais reduzidos, apresentando-se tanto *a cappella* como em colaboração com a Orquestra Gulbenkian ou com outros agrupamentos para a interpretação das grandes obras.

No domínio da música contemporânea, tem apresentado, frequentemente em estreia absoluta, inúmeras obras de compositores portugueses e estrangeiros. Tem colaborado regularmente com prestigiadas orquestras, entre as quais a Philharmonia Orchestra de Londres, a Freiburg Barockorchester, a Orquestra do Século XVIII, a Filarmonica de Berlim, a Sinfónica de Baden-Baden, a Sinfónica de Viena, a Orquestra do Real Concertgebouw de Amesterdão, a Orquestra Nacional de Lyon ou a Orquestra de Paris. O Coro Gulbenkian participou em importantes festivais internacionais, tais como: Festival Eurotop (Amesterdão), Festival Veneto (Pádua e Verona), City of London Festival, Hong Kong Arts Festival, Festival Internacional de Música de Macau, ou Festival d'Aix-en-Provence. A discografia do Coro Gulbenkian está representada nas editoras Philips, Archiv / Deutsche Grammophon, Erato, Cascavelle, Musifrance, FNAC Music e Aria Music, tendo ao longo dos anos registado um repertório diversificado, com particular incidência na música portuguesa dos séculos XVI a XX. Algumas destas gravações receberam prestigiados prémios internacionais. Entre 1969 e 2020, Michel Corboz foi o Maestro Titular do Coro Gulbenkian. Martina Batič é a atual Maestra Titular, Inês Tavares Lopes é maestra adjunta e Jorge Matta é consultor artístico.

### SOPRANOS

Ana Raquel Sousa  
Ariana Russo  
Beatriz Ventura  
Claire Santos  
Filipa Passos  
Isabel Cruz Fernandes  
Lucília de Jesus  
Maria José Conceição  
Marisa Figueira  
Mónica Beltrão  
Susana Duarte  
Tânia Viegas  
Verónica Silva

### CONTRALTOS

Beatriz Cebola  
Bianca Varela  
Carmo Pereira Coutinho  
Elsa Gomes  
Estrela Martinho  
Joana Esteves  
Joana Nascimento  
Laura Lopes  
Liliana Silva  
Lucinda Gerhardt  
Manon Marques  
Maria Bustorff  
Tânia Valente

—

### COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

### PRODUÇÃO

Inês Rosário  
Marta Ferreira de Andrade  
Inês Nunes  
Joaquina Santos

### TENORES

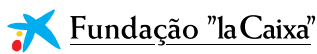
Aníbal Coutinho  
Artur Afonso  
Bruno Sales  
Francisco Cortes  
Gerson Coelho  
Gustavo Paixão  
Jaime Bacharel  
João Barros  
Jorge Leiria  
Nuno Raimundo  
Pedro Miguel  
Pedro Rodrigues  
Rui Miranda

### BAIXOS

Filipe Leal  
Gonçalo Freitas  
Henrique Coelho  
João Costa  
José Bruto da Costa  
Luís Neiva  
Miguel Carvalho  
Miguel Jesus  
Nuno Gonçalo Fonseca  
Nuno Rodrigues  
Pedro Casanova  
Rui Bôrras  
Rui Gonçalo



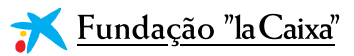
A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



# Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



MECENAS  
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS  
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS  
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS  
SEGURADORA OFICIAL



MECENAS  
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável, oferecido pela **The Navigator Company**.

